

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN  
(PARTE 3 – CONCLUSÃO)  
30 de setembro de 2025

**Western / 2017**

Um filme de VALESKA GRISEBACH

*Realização e argumento:* Valeska Grisebach / *Direção de fotografia:* Bernhard Keller / *Direção de Arte:* Michael Randel / *Montagem:* Bettina Böhler / *Design de produção:* Beatrice Schultz / *Guarda-roupa:* Veronika Albert / *Interpretação:* Meinhard Neumann (Meinhard), Reinhardt Wetrek (Vincent), Syuleyman Alilov Letifov (Adrian), Veneta Fragnova (Veneta), Viara Borisova (Viara), Kevin Bashev (Wanko), Aliosman Deliev (Mancho), Momchil Sinanov (avô de Mancho), Robert Gawellek (Tommy), Jens Klein (Jens), Waldemar Zang (Boris), Detlef Schaich (Helmuth), Sascha Diener (Marcel), Enrico Mantei (Wolle), Gulzet Zyulfov (Gulzet), Kostadin Kerenchev (Kostadin), Katerina Dermendzhieva (Elena), Maria Prokopova (dona da mercearia), Ivanka Popova (mãe de Viara), Nadezhda Kavalova (mulher de Adrian), Todor Damyanov (velhote da vila), Georgi Stoychev (velhote da vila).

*Produção:* Maren Ade, Jonas Dornbach, Valeska Grisebach, Janine Jackowski, Michel Merkt / *Produtoras:* Komplizen Film, Chouchkov Brothers, Coop99 Filmproduktion, KNM / *Cópia:* DCP, colorida, falada em alemão e búlgaro, com legendas em português / *Duração:* 122 minutos / *Estreia em Portugal:* 21 de junho de 2018 / *Primeira exibição na Cinemateca.*

---

A primeira imagem é a de Meinhard avançando sozinho. Ele e um grupo de outros alemães foram para a Bulgária, numa zona perto da fronteira com a Grécia, para trabalhar na construção de uma infraestrutura que se adivinha ter dinheiros europeus envolvidos. Depressa se começam a desenhar linhas de divisão entre *quem vem de fora* e *quem é da terra*, com a língua como entrave à comunicação entre as duas fações. Por um lado, temos os alemães que tiram prazer em erguer a bandeira nacional no seu alojamento («pensaste nas pessoas que vivem aqui?»), não apenas sinalizando a sua presença, mas ostentando a sua condição de forasteiros. O outro lado é composto pelas famílias que vivem nas aldeias circundantes e que veem a presença alemã com alguma apreensão, mas sem hostilidade (apenas algum atrevimento, dado que os privam da tal bandeira). No meio destes dois campos, está Meinhard, o *lonesome cowboy* deste filme, um homem que diz ter vindo apenas para «ganhar dinheiro», mas que acaba a considerar este lugar um «paraíso».

O filme estabelece estas linhas de tensão e vai aludindo a temáticas que espreitam nos limites do enquadramento. Há alusões à ocupação alemã da Bulgária durante a Segunda Guerra Mundial, à crise de refugiados na Europa (os locais quando dão boleia a Meinhard gozam com ele sobre o assunto, tentando incutir-lhe medo) e ao conceito sempre sensível de *fronteira*. Este traz consigo um questionamento acerca das liberdades de circulação que estão no âmago da cooperação entre nações europeias. O que resulta desta liberdade? O que acontece quando a liberdade de uns colide com a liberdade de outros? Há uma ideia tácita no filme que é a possibilidade da intervenção de Bruxelas não ser diferente dos propósitos coloniais antigos (em que um oeste mais avançado

transforma uma comunidade que considera em desenvolvimento) – não é por acaso que um dos homens da região diz que «foram só 70 anos» até os alemães voltarem. O protagonista que veio para trabalhar demonstra que não tem uma noção de «casa», um sentido de pertença ou saudades de um ninho. Ele está à deriva, a fazer um trabalho que se poderia equiparar à construção de caminhos de ferro no Velho Oeste americano, abrindo caminho à modernização de zonas selvagens e indomadas, onde a tecnologia ainda não chegou.

A questão das fronteiras é trabalhada e relacionada com a questão da (dificuldade de) comunicação. Meinhard é posicionado como o elo que fará a ligação entre o grupo germânico e os moradores da zona, dado que é quem visita a aldeia, puxa conversas e tenta interagir apesar das limitações inevitáveis. O diálogo é construído passo a passo e dependendo de tom, de gestos, de paciência e disponibilidade. A verdade é que Meinhard desenvolve uma relação com estas pessoas que os seus compatriotas veem como um *outro*. Talvez porque ele próprio se sente alienado na sua companhia. É com frequência que a câmara o mostra posicionado longe dos restantes homens, num mundo à parte, sem querer dar muito de si a estas pessoas com quem deveria sentir afinidade. Isto é sentido ou intuído por eles e começam a vê-lo cada vez mais como alguém fora da norma, surgindo crescentes gestos de ostracização (abandonarem-no sem boleia ou atacarem-no à noite, junto à rio, são alguns dos exemplos). O filme sublinha a dicotomia da *comunicação/falta de comunicação* através das relações Meinhard/ Adrian e Meinhard/ Vincent. O primeiro par consegue chegar a um entendimento íntimo que os equipará a irmãos (quando Meinhard fala em ter perdido o irmão mais novo, Adrian diz-lhe que ele poderá ser esse irmão), já o segundo par, apesar de falar a mesma língua, não consegue avançar além da rivalidade que ambos nutrem, não se conseguindo entender.

A camaradagem entre os alemães é tingida de clichés em torno da masculinidade, que alguns deles chegam a contestar. Quando as mulheres da aldeia vão a banhos veem-se forçadas a ir embora graças às atitudes desagradáveis dos alemães – desde os assobios à brincadeira demasiado grosseira de Vincent, em particular, com o chapéu de Viara («não achas que exageraste?»). Vincent e Meinhard são colocados amiúde, pela câmara, em oposição (*shot/ reverse shot*), sugerindo um duelo permanente entre os dois, uma luta pela afirmação contra o outro. A relação dos dois com Viara é também uma exploração dos seus diferentes temperamentos. O primeiro vive a tentar estabelecer o seu domínio, o segundo vive a tentar estabelecer uma relação. A rapariga acaba por se tornar também outro eixo da sua rivalidade – como o cavalo branco – na medida em que se revela que a brincadeira no rio era uma tentativa de proximidade, que se percebe melhor quando Vincent tenta negociar um jantar com ela durante uma reunião com os líderes da aldeia devido à escassez de água. Sem sorte, perceberá mais tarde que Meinhard conseguiu, pela forma como conquistou a simpatia da comunidade local, uma ligação romântica com a rapariga. Os *western* são em grande parte sobre as relações que se estabelecem entre homens e a violência que decorre dessas relações. A realizadora Valeska Grisebach explora as maneiras como a masculinidade se exprime dando-lhes tempo, deixando as ações acontecerem e desenrolarem-se – não é por acaso que a amizade que Meinhard trava com os homens locais, e Adrian em particular, surge porque este diz ser legionário, insinuando que a sua masculinidade é repleta de heroísmo. A câmara de Grisebach cria uma sensação de intimidade entre o espectador e as personagens, num filme que é feito de subtilezas e de pequenos gestos, onde as mínimas coisas vão tecendo algo maior do que elas próprias. Este é um filme que nos mostra, sobretudo, as maneiras inadequadas como os homens procuram uma sensação de pertença. É importante destacar também que Grisebach constrói os retratos destes homens, em especial o de Meinhard e de Vincent, sem a moralidade rígida dos

*westerns* clássicos. Um não é apenas bom, nem o outro apenas mau, havendo, em ambos, algo que comove e algo que repele o espectador.

Os vestígios do *western* encontram-se por todo o filme: o homem e o cavalo; o duelo entre rivais; a paisagem cheia de beleza e cheia de potencial; o *forasteiro* como arquétipo essencial do *western*; a ligação à terra («tribal loyalty» diz Peter Bradshaw na sua crítica ao filme); a falta de um lugar ao qual chamar casa. Este último exemplo é, em suma, o que Meinhard deseja. O homem que não sabe o que é sentir saudades de casa encontra um «paraíso» que o faz não querer ir embora. O seu coração vai-se enraizando neste local pelas pessoas que conhece e pela forma como o recebem. Num filme que seguisse passos narrativos mais clássicos, sem dúvida teríamos um confronto violento entre Meinhard e Vincent depois dele descobrir o papel do segundo na morte do cavalo. Porém, Meinhard não é uma pessoa com tendência a gestos dramáticos. No desenlace do filme, ele é alvo de uma agressão já não da parte dos seus conterrâneos, mas da parte dos homens da aldeia que o tinham acolhido no seu seio. Por momentos, ele parece seguir o mesmo caminho de Vincent: assumir o arquétipo de *forasteiro* e sumir da festa de aldeia em direção ao negro da noite. Contudo, faz o oposto e volta para o convívio, incapaz já de deixar esta nova casa que encontrou. Meinhard parece querer vestir outro papel. O papel de pessoa que pertence. Acaba, no entanto, a dançar sem par, sempre um pouco deslocado – mesmo nos momentos finais, como se este novo papel não fosse fácil de envergar.

Ana Cabral Martins